


COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e64611>

Unidade em Peirce e relações com estética e ecologia: considerações sobre novas condutas na arquitetura

*Unity in Peirce and relations with aesthetics and ecology: considerations
on new conduct in architecture*

**Gabriela Lima Mascarenhas
Moreira***

gabrielalmmoreira@gmail.com

Eluiza Bortolotto Ghizzi**

reluizabortolotto.ghizzi@gmail.com

Resumo: Interessamo-nos, neste trabalho, em refletir acerca de uma aproximação entre estética e ecologia por meio do conceito de unidade, tal como anteriormente indicada por Freitas (2005). Diante de um contexto contemporâneo de crise ambiental, propomos lançar um olhar para o campo da arquitetura e do urbanismo, em que observamos uma crescente busca por modelos estéticos e epistemológicos que se caracterizem como ecológicos. Tomamos como referencial teórico a filosofia pragmatista de Charles Sanders Peirce (1839-1914), considerando, em especial, a afinidade apontada por Nöth (1996; 1998; 2001) entre esse pensamento e a ecologia. Partindo daí, organizamos o trabalho em dois momentos distintos: um primeiro, conceitual; e um segundo, voltado para a relação entre conceito e prática. Iniciamos por identificar e selecionar, em escritos de Peirce e de seus estudiosos, alguns entre os usos do termo unidade, buscando compreender o modo como está relacionado a conceitos próprios de sua filosofia, percorrendo a fenomenologia, as ciências normativas e a metafísica, com passagem pelo pragmatismo, pressupondo evidenciar uma compreensão de unidade que fundamenta aquela aproximação inicial. Com base nisso, refletimos, em seguida, acerca dessa concepção com relação à arquitetura e ao urbanismo, a partir do trabalho de Toyo Ito, que se interessou pela transição de uma estética da máquina para uma estética de fluxos e cujo diálogo profissional entre a teoria e a prática nos conduz a considerações mais amplas acerca do conhecimento em arquitetura, com consequências para a formação de novas condutas nesse campo.

Palavras-chave: Arquitetura. Ecologia. Estética. Pragmatismo. Toyo Ito.

Abstract: *In this work, we are interested in reflecting on an approximation between aesthetics and ecology through the concept of unity, as previously indicated by Freitas (2005). Faced with a contemporary context of environmental crisis, we propose to look at the field of architecture and urbanism, in which we observe a growing search for aesthetic and epistemological models that may be characterized as ecological. We adopt the pragmatist philosophy of Charles Sanders Peirce (1839-1914) as a theoretical reference, considering, in particular, the affinity pointed out by Nöth (1996; 1998; 2001) between this system of thought and ecology. Starting from there, we organized the work into two distinct moments: the first one is conceptual; and the second, focused on the relationship between concept and practice. We begin by identifying and selecting, in writings by Peirce and his scholars, some of the uses of the term unity, seeking to understand how it is related to concepts specific to his philosophy, covering phenomenology, the normative sciences and metaphysics, and passing through pragmatism, presuming an understanding of unity that underlies that initial approximation. Based on this, we then reflect on that conception in relation to architecture and urbanism, based on the work of Toyo Ito, who is interested in the transition from a machine aesthetic to an aesthetic of flows and whose professional dialogue between theory and practice leads us to broader considerations about knowledge in architecture, with consequences for the formation of new conduct in this field.*

Keywords: *Aesthetics. Architecture. Ecology. Pragmatism. Toyo Ito.*

Recebido em: 05/12/2023.

Aprovado em: 12/12/2023.

Publicado em: 13/12/2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

1 Introdução

Há diferentes modos de abordar a atual crise ambiental, sendo que o conceito de ecologia tem sido utilizado para avaliar com maior clareza e precisão as mudanças que foram ou devem ser realizadas, em diferentes campos de estudo, permitindo falar de uma influência transdisciplinar da ecologia sobre esses campos (Nöth, 1996; 1998). Nota-se que, ao transpassar áreas de conhecimento, o processo de avaliar as mudanças pode, e, muitas vezes deve, ser precedido de aproximações conceituais entre a ecologia e as outras áreas com as quais se propõe fazer relação. Neste artigo, em que o nosso olhar se volta para o campo da arquitetura e do urbanismo, onde nota-se uma crescente busca por modelos estéticos e epistemológicos que se caracterizem como ecológicos, recorreremos à filosofia e propomos uma dupla reflexão: uma primeira, conceitual; e uma segunda, voltada para a relação entre o campo conceitual e o da prática.

Ambas são inspiradas na exposição de Freitas (2005), no artigo *Física e meio ambiente: O substrato da estética na ciência contemporânea*, em que ele propõe uma aproximação, por meio do sentido de “unidade”, entre estética e ecologia; ele considera que a unidade é “um fundamento importante para a estética” e característica da “[...] dinâmica dos elementos e dos fenômenos da natureza [que] evolui com a mediação de uma unidade sistêmica” (Freitas, 2005, p. 34-35). O sentido de unidade da estética o leva a afirmá-la como um “campo de conhecimento que potencializa todos os arranjos e combinações dos fluxos de elementos materiais e/ou não materiais num empreendimento humano”; e, ainda, que pressupõe “[...] a realidade do conhecimento e da ação enquanto entes entrelaçados entre si [...]”. Nesse sentido, a unidade da estética se aproximaria da unidade da ecologia. E esse sentido de unidade – que não separa o material do não material, o conhecimento da ação, antes liga e favorece os fluxos – é associado, pelo autor, ao estabelecimento da ecologia como elemento de uma cultura global que vem fortalecendo um entendimento da relação entre o ser humano e a natureza enquanto uma condição essencial e inseparável. Opera, além disso, como articuladora de modelos para a produção e a organização do conhecimento, sinalizando a “[...] emergência de cenários hipercomplexos que movimentarão o século XXI” (Freitas, 2005, p. 33).

Tal convergência, entre unidade, estética e ecologia, é assumida aqui hipoteticamente, como uma proposição a ser explorada, sendo que nos concentramos em examiná-la a partir da filosofia de Charles Sanders Peirce (1839-1914). Esta escolha pauta-se em características próprias do sistema filosófico peirciano, cabendo observar que, enquanto o conceito de unidade e o de estética estão explicitamente presentes nessa filosofia, o mesmo não ocorre em relação à ecologia. Tampouco traçamos aqui um estudo específico sobre o conceito de ecologia, que é assumido apenas no seu aspecto mais geral, qual seja, o de uma “ciência das relações entre os organismos e o meio ambiente” (Voguel & Angermann *apud* Nöth, 1996, p. 265; 1998, p. 332), este percebido tanto como externo ao organismo (biótico e abiótico) quanto indistintamente interno e externo. Entendemos as questões colocadas por Freitas, especialmente ao tratar da vida contemporânea, como correlacionadas a desequilíbrios e, também, com a busca por um equilíbrio entre os organismos e o meio.

Para a organização do artigo, designamos dois momentos de reflexão. Em um primeiro momento, refletimos sobre o conceito de unidade com base na filosofia de Peirce, considerando as suas três subdivisões principais, a fenomenologia, as ciências normativas e a metafísica, fazendo uma breve passagem pelo pragmatismo. Pressupomos uma compreensão desse conceito que pode contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre a estética em Peirce e, ainda, sobre relações com o desenvolvimento do pensamento, em uma dinâmica que poderia ser chamada de ecológica. Em seguida, tomamos esse referencial teórico como uma perspectiva a partir da qual desenvolver nossas considerações com relação ao campo da arquitetura e do urbanismo contemporâneos, por meio do trabalho de Toyo Ito, que se interessou pela transição de uma estética arquitetônica da máquina para uma estética de fluxos, preocupando-se com a integração entre a arquitetura, a sociedade e a natureza.

2 Investigando o sentido de unidade na filosofia peirciana

2.1 Unidade na fenomenologia

A investigação acerca dos sentidos que o conceito de unidade (*unity*) assume na fenomenologia peirciana nos conduz à primeira e à terceira categorias fenomenológicas (chamadas de primeiridade e terceiridade); conforme procuramos expor a seguir, a segunda categoria (segundidade), que é típica daquilo que se apresenta como individualidade, apenas pode participar da unidade ao negar sua individualidade.

Cada categoria foi associada por Peirce a um tipo de consciência. Iniciamos então pela primeiridade, que equivale ao que ele denominou *qualeconsciência*, correspondendo a uma qualidade de sentimento; sendo que, conforme explica Peirce, “[...] por sentimento quero dizer um exemplo daquele tipo de elemento de consciência que é tudo o que é positivamente, em si mesmo, independentemente de qualquer outra coisa” (CP 1.306).¹ Como tal, a primeiridade não envolve ou reconhece qualquer tipo de comparação, relação, mudança, reflexão ou multiplicidade (EP 2.150).

Entende-se que há uma qualidade peculiar para cada momento, dia, obra de arte ou consciência pessoal (CP 6.223) e que ela fornece um acesso direto (imediato) ao mundo, ainda que breve e fugaz. Embora sejam únicas no modo como se apresentam à consciência, as “Qualidades de sentimento apresentam uma variedade infundável” (EP 2.150).² Assim, “[...] aquele mesmo elemento lógico da experiência, o *quale*-elemento que *aparece internamente como unidade, quando visto pelo lado exterior, é visto como variedade*” (CP 6.236 apud Ibri, 2015, p. 121, grifos do autor). Essa variedade, porém, só é apreendida quando qualidades de sentimento são comparadas umas às outras, por meio da reentrada no fluxo do tempo e da mediação entre ideias (Ibri, 2015), vinculadas à terceira categoria. Rosenthal (2001, n.p., tradução nossa, grifos nossos) nota que Peirce entende essa unidade, ou continuidade qualitativa, “como aquela imediatidade que a mente ‘praticamente extinguiu’, pois a mente *separa e ordena*.”

O elemento de separação, ou distinção, nos leva à segunda categoria, que equivale à consciência de dualidade ou de alteridade, à experiência “direta com *isto* que *não é aquilo* [e que] se dá num recorte do espaço e do tempo, traçando os contornos [...] [de um] objeto, que é forçado e reage contra a consciência como algo individual (Ibri, 2015, p. 26-27, grifos do autor). Cabe notar que Peirce (CP 6.375) refere-se a dois tipos de unicidade (*oneness*), distinguindo entre a unicidade pura, da consciência imediata, e a unicidade positiva, associada à segunda categoria; sobre esse segundo tipo, ele adverte que “a palavra unidade [*unity*] raramente é aplicada a esse tipo de unicidade [*oneness*], que atende pelo nome de *individualidade*” (CP 6.375, grifo do autor). Esse entendimento é endossado por Ibri (2015, p. 125, grifos do autor), quando observa que é “ilícita a consideração do individual como *unidade*. Unidade é o que justamente o faz deixar de ser *isto*, diluindo sua idiossincrasia no *continuum* de uma consciência”.

Já o elemento de ordenação nos leva à categoria da terceiridade; aqui, a noção de unidade se faz presente na correspondente consciência de síntese, descrita como “[...] a consciência que une nossa vida” (CP 1.381). Ainda conforme a explicação de Ibri (2015, p. 37), o aspecto geral da terceiridade se evidencia em seu papel de representação, “na medida em que o individual, na sua multiplicidade, está contido nas relações do conceito”. Peirce também assevera “[...] que a função das concepções é reduzir a multiplicidade de impressões sensoriais à unidade, e que a validade de uma concepção consiste na impossibilidade de reduzir o conteúdo da consciência à unidade sem a sua introdução” (CP 1.545). O sentido de geral da terceiridade ainda pode ser aproximado ao de uma totalidade; não no sentido de uma totalidade limitada a um conjunto finito de fatos individuais observados na experiência e “postos em

1 A abreviação “CP” é utilizada em citações de *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, seguida do volume e do parágrafo em que o texto se situa na obra. As citações diretas são tradução própria ou por parte de autores consultados, caso em que é indicada a fonte.

2 A abreviação “EP” é utilizada em citações de *The Essential Peirce*, seguida dos números do volume e da página. As citações diretas são tradução própria, exceto se indicada a fonte.

relação por uma mente” (Ibri, 2015, p. 58), mas no de uma totalidade real, que inclui seu ser *in futuro* (Peirce, 2017, p. 25). “Em outras palavras, um arranjo contingente de individuais *que não mantêm certo grau de permanência ou constância no tempo*, tornará falso aquele conceito.” (Ibri, 2015, p. 58, grifos do autor).

Em suma, os três elementos fundamentais da experiência, ou modos de consciência, encontram-se relacionados, confirmando a regra segundo a qual a segunda categoria pressupõe a primeira, e a terceira, a segunda e a primeira (CP 1.353). Dessa base fenomenológica resulta uma concepção não-racionalista do pensamento e da linguagem – que envolvem aspectos do sentimento e da ação –, na qual o sentimento ocupa um lugar originário. No trecho citado a seguir, em que Peirce (CP 6.225) se refere a diferentes formas de unidade, ressaltamos a sua afirmação de que elas têm uma origem comum, na *qualeconsciência*:

Na medida em que se pode dizer que os *qualia* têm algo em comum, aquilo que pertence a um e a todos é a *unidade*; e as várias unidades sintéticas que Kant atribui às diferentes operações da mente, bem como a unidade de consistência lógica, ou unidade *específica* e, também, a unidade do objeto individual, todas essas unidades se originam, não nas operações do intelecto, mas na *qualeconsciência* sobre a qual o intelecto opera.

Associado a isso, cabe relacionar a afirmação de Peirce sobre a origem de todas as unidades na *qualeconsciência* com a observação de Rosenthal (2001, n.p., tradução nossa), de que “O sentimento, para Peirce, indica um nível epistêmico, e não um conteúdo psicológico”. Tal afirmação de Peirce aparece para nós, ainda, como um importante indicativo da influência da estética no pensamento, algo que se evidencia, também, na passagem que fazemos pelas ciências normativas. Antes, contudo, voltamos o nosso olhar para a metafísica.

Unidade na metafísica

Na metafísica peirciana pode-se falar de unidade entre o humano e a Natureza, a partir da concepção peirciana de que, assim como nós, o Universo pode ser concebido como evidenciando um lado interno, onde coexistem a possibilidade (primeiridade) e as regularidades da lei (terceiridade), e um externo, da variedade de individuais na existência (segundidade). Assim, as categorias fenomenológicas encontram suas correspondentes metafísicas nas noções de acaso, existência e lei, evidenciando o que Ibri (2020) entende como uma simetria de direitos lógicos entre o ser humano e o mundo.

A partir da interação entre as categorias da metafísica, Peirce concebe uma realidade dinâmica, cujo processo evolutivo seria guiado pelo princípio do agapismo, exprimindo sua visão evolucionista aliada a uma teoria do amor enquanto força cósmica que articula acaso, existência e lei, “[...] lançando as suas criações [do acaso] rumo à independência [na existência] e atraindo-as de volta para a harmonia [da lei], num único e mesmo impulso” (CP 6.288).³

A unidade, então, também se apresenta como a harmonia que resulta de uma dinâmica evolutiva que coordena a regularidade e a novidade em um movimento contínuo; ao mesmo tempo, como solução peirciana ao dualismo cartesiano, dado o caráter monista e não-antropocêntrico que sua filosofia assume diante do mundo, caracterizando-se pelo idealismo objetivo ao reconhecer a continuidade e a conaturalidade eidética entre mente e matéria, assumindo que “[...] todos os fenômenos são de um único caráter, embora alguns sejam mais mentais e espontâneos e outros mais materiais e regulares” (CP 7.570 apud Ibri, 2015, p. 97).

A seguir, referimo-nos às ciências normativas, que Peirce localiza entre a fenomenologia e a metafísica, na sua classificação das ciências. Nelas, a relação do sentimento, da ação e do pensamento

3 A tradução desse trecho tomou como referência a tradução do texto “Amor Evolucionário” (CP 6.287-317), publicada por B. J. S. R. Antonio em duas partes, nos n. 1 e n. 2, v. 11 (2010) do periódico *Cognitio*. As inserções entre colchetes são nossas.

com o mundo fenomênico é estudada pelas ciências da estética, da ética e da lógica, às quais cabe a mediação entre uma ciência daquilo que aparece e uma ciência da realidade.

2.2 Unidade e as ciências normativas

A estética, a ética e a lógica compõem o conjunto dessas ciências, assim chamadas pois se referem aos ideais que orientam “[...] o modo geral pelo qual o ser humano, se for agir deliberadamente e sob autocontrole, deve responder aos apelos da experiência” (Santaella, 2017, n.p.). Na delimitação desses ideais, cada uma das ciências normativas relaciona-se, com mais proeminência, a um tipo de experiência, conforme as categorias apresentadas, de modo que “[...] a estética considera aquelas coisas cujos fins são incorporar qualidades de sentimento, a ética aquelas coisas cujos fins residem na ação e a lógica aquelas coisas cujo fim é representar algo” (CP 5.129).

O elemento de unidade da estética deve ser pressuposto, a partir daí, pela sua correlação com a primeiridade. No seu sentido mais estrito, podemos falar em unidade, em especial, para caracterizar o efeito produzido pela experiência estética, descrito como a “[...] suspensão do sentido ou desautomatização dos processos interpretativos entorpecidos pelo hábito” (Santaella, 2017, n.p.), sendo que os objetos e situações mais propensos a produzi-lo são aqueles que melhor incorporam e manifestam qualidades de sentimento, tal como as obras de arte (Santaella, 2017). Em um sentido mais geral, porém, a estética de Peirce aplica-se a todos os objetos e situações que, tal como a arte e no sentido proposto por Ibri (2020),⁴ nos instigam a ver o mundo como “coisas sem nome”.

Para além das experiências estéticas, que são individuais, podemos falar da unidade do fim estético que, como bem observou Ibri (2021, p. 241), recusa “fins singulares”. Segundo Peirce, “Todo ideal é mais ou menos geral [...] deve ter unidade, porque é uma ideia, e a unidade é essencial para toda ideia e todo ideal” (CP 1.613). Para que seja geral, deve revestir-se de qualidades de sentimentos e governar eventos, mas nunca pode ser completamente realizado (CP 1.615). É papel da estética adotar um ideal admirável, capaz de “[...] reunir de modo incondicionado qualidades que sejam em si *admiráveis*” (Ibri, 2021, p. 241).

Alcançar esse ideal envolve a mediação da conduta e do pensamento, “conciliando o *continuum* do *representar* com o *continuum* do *fazer*, existencialmente entendido, tendo ambos, como fim último, um constructo geral e temporal” (Ibri, 2021, p. 241, grifos do autor). E, como é conhecido de seus estudiosos, o mais elevado ideal definido por Peirce consiste no desenvolvimento da razoabilidade concreta, em um processo dinâmico identificado com a própria evolução do universo.

A partir dessa visão, Peirce (CP 1.615) concebe que devemos orientar a conduta para “[...] executar nossa pequena função na operação da criação, ajudando a tornar o mundo mais razoável sempre que [...] cabe a nós fazê-lo”. É nesse sentido que propomos avaliar, no amplo contexto dos complexos cenários atuais a que se refere Freitas (2005), de modo mais específico, certas intervenções da arquitetura, considerando em que medida elas orientam um ideal dessa natureza e como contribuem para ele. Tarefa que, contudo, os limites deste artigo só nos permitem iniciar.

No âmbito da ética, e considerando o seu papel na busca desse ideal, podemos considerar a unidade no que diz respeito à noção de comunidade, pois, para Peirce, “[...] a ação correta envolve necessariamente exercer o esforço individual em conjunto com os esforços da comunidade ampliada: “o progresso vem de cada indivíduo conciliar a sua individualidade em simpatia com seus vizinhos” (CP 6.294 apud Parker, 2003, p. 33, tradução nossa).

Destacamos, na esfera da lógica, a abdução, o primeiro dos três modos de raciocínio da lógica peirciana e o único associado à concepção de novas ideias, por nos levar a reunir elementos antes desconexos por meio de algo como uma intuição, “insight”, ou “lampejo” criativo. Peirce (2017)

4 Leia-se, a esse respeito, os capítulos 3 e 4 de Ibri (2020).

atribui à abdução a capacidade humana de “adivinhar os caminhos da natureza”, capacidade essa que o faz “[...] compará-la à habilidade dos animais em encontrar seus caminhos de sobrevivência, atribuindo ao ser humano a faculdade do instinto.” (Ibri, 2020, p. 73). A noção de abdução enquanto instinto coloca em evidência a visão de Peirce segundo a qual “[...] a mente humana, tendo se desenvolvido sob a influência de leis naturais, pensa naturalmente, por essa razão, de um modo similar aos padrões da natureza” (CP 7.39 apud Santaella, 2004, p. 106), sugerindo uma unidade entre o humano e o natural, ideia que perpassa toda a filosofia peirciana.

Embora destacando a abdução, reconhecemos que, de modo análogo ao que acontece na relação entre as categorias na fenomenologia, a relação entre os três modos de raciocínio – abdução, dedução e indução – é imprescindível à condução de qualquer investigação a partir de novas ideias. Todos devem contribuir para que o processo contínuo, rumo àquele constructo geral temporal, que leva ao desenvolvimento da razoabilidade concreta, seja caracterizado como um pensamento que se reinventa, critica e corrige a si mesmo, em defesa de uma concepção dinâmica e geral de verdade.

No âmbito das ciências normativas, em síntese, admitir uma continuidade entre o admirável, a conduta e a representação, na busca por um mesmo ideal, é acolher a ideia de que a lógica, isoladamente, não é suficiente para guiar nossas interações com um mundo em transformação, dependendo da colaboração da ética e da estética. Em todos esses níveis, além disso, os valores que guiam a revisão crítica de nossos hábitos – tal como o bem, a integridade e a verdade – compõem-se a partir de uma perspectiva coletiva, que vincula o indivíduo à sociedade.

3 O pragmatismo como unidade entre pensamento e ação

Afinado com o idealismo objetivo, o pragmatismo de Peirce nos propõe admitir a prática como um estágio do pensamento (Ibri, 2015); vincula o significado de um conceito às suas consequências experienciáveis (Ibri, 2015), configurando uma relação essencial entre pensamento e a ação (De Waal, 2007) nos processos de conhecimento. Isso implica considerar “[...] quais hábitos gerais de conduta uma crença na verdade do conceito (de qualquer assunto concebível e sob quaisquer circunstâncias concebíveis) desenvolveria razoavelmente” (CP 6.481). Em outras palavras, o significado de algo não pode limitar-se “[...] a critérios da lógica puramente internos à mente; deve envolver o diálogo com a experiência” (Ghizzi, 2020, p. 242). No campo da arquitetura, isso envolve reconhecer que a validade das teorias deve levar em consideração as práticas de projeto e edificação, bem como as experiências de uso do espaço arquitetônico (Ghizzi, 2020).

Na filosofia de Peirce, o pragmatismo foi concebido como o método das ciências, entendido como o único método que submete o conceito ao teste da experiência e, portanto, que está apto a produzir crenças passíveis de orientar adequadamente a nossa conduta no mundo. Tais crenças são legitimadas como verdadeiras conforme mantêm sua permanência externa, verificando-se na experiência não apenas individual, mas coletiva, pública e social. A concepção de verdade como algo geral, que possa ser diferenciado da opinião particular, esteve entre os argumentos apresentados por Peirce a favor do método científico, em seu famoso ensaio *A fixação da crença* (Peirce, 2008).

Além disso, como analisa Ghizzi (2020, p. 242), “o significado pragmático irá nos preparar para algo que ainda está por vir, quer para reconhecer a validade do conceito, quer para apontar a sua falibilidade ou insuficiência diante do caráter dinâmico e não totalmente previsível do mundo [...]”. No caso da arquitetura, nos prepara para conceber os usos como não totalmente determinados e para avaliar sua permanência ou variabilidade. A significação compreende, assim, uma dimensão temporal (Ibri, 2015), evidenciando a abertura, a mutabilidade e a tendência do conceito ao crescimento, que está sempre suscetível à revisão, pois, para Peirce, “Nenhuma crença está imune a críticas e até mesmo à rejeição total”, caracterizando uma epistemologia não-fundacional (Parker, 2003, p. 37, tradução nossa).

O papel da crítica é, assim, fundamental para os processos de conhecimento e, além disso, para a revisão daqueles ideais que guiam a conduta, conforme estudam as ciências normativas. Observamos que não se trata de uma crítica puramente abstrata e subjetiva, mas de uma que acata e age de acordo com o pragmatismo e em prol do interesse coletivo. Isso não significa que devemos desconsiderar processos individuais, mas que devemos distinguir quais vão ao encontro do interesse coletivo. Ghizzi (2020, p. 245), considerando que Peirce (CP 1.574) referiu-se tanto à autocrítica quanto à heterocrítica, escreve:

O que Peirce propõe é um processo em que as autocríticas – cujas origens se pode localizar na dimensão das práticas particulares de arquitetos ou dos usuários da arquitetura, por exemplo – envolvem-se em uma dimensão mais ampla, da heterocrítica, que inclui diferentes sujeitos colaborando mutuamente em uma ampla revisão crítica dos ideais, e não um único indivíduo ou um conjunto limitado deles. Somente assim se poderá falar de mudança de hábito de conduta, na dimensão do coletivo, da linguagem.

A unidade do pragmatismo, assim, envolve a continuidade entre a teoria e a prática, aliada à reunião do individual no coletivo. Em vista disso, e com base nas reflexões apresentadas, exploramos a seguir o nosso entendimento de que essa filosofia pode operar como modelo para os processos de conhecimento e de revisão que vêm se produzindo, diante dos complexos cenários descritos por Freitas (2005) e, de modo mais específico, para o campo da arquitetura.

4 Sobre a produção de uma arquitetura que “respira”: estética e unidade em uma arquitetura de fluxos

Voltamo-nos, então, a desenvolvimentos do campo da arquitetura que vêm buscando formas outras de mediar entre a sociedade e o mundo a partir de uma postura crítica diante da arquitetura e da cidade, motivados por um contexto de crise ambiental e por suas repercussões sociais e culturais. Para os propósitos deste artigo, delineamos nossa reflexão a partir do trabalho do arquiteto Toyo Ito (1941-), figura consolidada como uma referência nessa área, cuja atividade profissional vincula a atuação prática, no projeto e na construção de edifícios, à produção escrita, teórica e crítica. Consideramos que as contribuições de Ito nos permitem observar uma evolução pragmática do pensamento, no campo da arquitetura, a partir do diálogo que vem estabelecendo, desde o século passado, entre os âmbitos do conceito e da experiência arquitetônica, com consequências que ultrapassam a dimensão individual do seu trabalho e com as quais procuramos dialogar.

Em sua introdução à coletânea de ensaios *Tarzans in the Media Forest*, Thomas Daniell (Ito, 2011) observou que as ideias do arquiteto conformam quatro estágios: robô, cidade, corpo e natureza. Cada termo expressa, segundo Daniell, um foco distinto dos interesses e preocupações de Ito, em relação a fatores contextuais, históricos e às suas próprias vivências, de modo que podemos situar historicamente as suas reflexões, tanto quanto observar as mudanças por que passaram no decorrer do tempo. Enquanto guias para o pensamento e a conduta, essas temáticas podem ser entendidas como ideais buscados por Ito por meio de sua arquitetura, conferindo unidade à produção teórica e crítica referente a cada estágio de seu aprendizado profissional.

Conforme a análise de Daniell (Ito, 2011, n.p., tradução nossa), a trajetória de Ito “[...] sugere uma reversão telescópica da história da civilização humana, impulsionada em direção às suas origens pelas tecnologias mais avançadas”. Isso se justifica, pois Ito foi inicialmente influenciado pelo movimento Metabolista,⁵ entre as décadas de 1960 e 1970, em um período de desenvolvimento econômico e tecnológico do Japão, dedicando-se, em seguida, aos temas da cidade midiática e da experiência do

5 Importante movimento contemporâneo da arquitetura, iniciado no Japão. Nomeado em referência ao metabolismo orgânico, propôs megaestruturas arquitetônicas e buscou criar edifícios flexíveis à mudança, por meio da adição ou remoção de módulos, ou cápsulas.

corpo, tanto biológico, quanto virtual. A última fase mencionada, “natureza”, pode ser identificada com ensaios publicados a partir dos anos 1990, os quais refletem sobre a busca por princípios arquitetônicos em favor de uma reconciliação entre a arquitetura e a natureza, coincidindo com um momento de maior atenção às questões ambientais, em um contexto internacional.⁶

Durante essa última fase, seu projeto para a Mediateca de Sendai (2001) foi desenvolvido e construído. Sobre o intervalo entre a ideação e a construção desse edifício, Ito (2011, n.p., tradução nossa) afirma que “a arquitetura mudou ao longo do processo de cinco anos e meio, junto com minhas próprias visões de arquitetura”, mudança esta que, segundo ele, aproximou-o da realidade e da sociedade. Como consequência, em suas reflexões acerca de uma arquitetura para o futuro, ele questiona a persistência, sobretudo em meio a ambientes de ensino e aprendizado, de conceitos, métodos e modelos abstraídos da sociedade e do mundo. O foco de sua crítica recai sobre uma revisão de conceitos disseminados, no século XX, pelo movimento moderno da arquitetura.

Desse modo, podemos tomar a postura de Ito, em sua atuação profissional como arquiteto, como representativa de um modelo de conduta predisposto à revisão de conceitos e hábitos estabelecidos, com base em experiências vividas, para melhor adequar suas ideias e ações a situações futuras, modelo que Peirce caracterizou como “científico” e que se afina ao seu evolucionismo. Tal postura torna possível “[...] não apenas observar, mas deliberadamente e criticamente participar da constante transformação da arquitetura” (Ghizzi, 2020, p. 235).

Associado à crítica de Ito à arquitetura moderna e aos diferentes temas de seu interesse, como a tecnologia, a experiência e a natureza, em seu ensaio *Um jardim de microchips* (Ito, 2011) ele reflete sobre a transição de uma estética moderna da era das máquinas para uma estética de fluxos, vinculada à disseminação das tecnologias microeletrônicas. Segundo Ito (2011), a imaginação arquitetônica do século XX baseou-se em analogias visuais com formas geométricas e mecânicas para expressar seus ideais arquitetônicos para o futuro, o que nos remete à aspiração de Le Corbusier por uma arquitetura enquanto “máquina de morar”, aos projetos de Buckminster Fuller, ao movimento metabolista e ao grupo Archigram.⁷ De modo distinto, a tecnologia microeletrônica alude, em vez disso, a fluxos de energia e informação e a uma experiência fenomênica do espaço, para além da percepção visual.

A partir daí, Ito considera que a dinâmica das cidades é composta de redes e fluxos – naturais, como a água e o vento, e artificiais, como os atuais fluxos midiáticos –, sistemas que outrora estiveram em equilíbrio em antigas cidades e arquiteturas vernaculares. No entanto, nas cidades contemporâneas, malhas perpendiculares impuseram-se aos relevos preexistentes, afastando-nos do natural; e os sistemas artificiais acumularam-se, sobrepondo grande quantidade de energia e informação à materialidade da cidade, afastando-nos de sua dimensão concreta (Ito, 2011).

Como consequência, em seus trabalhos, Ito vem manifestando uma apreensão em relação a esse contexto em que a harmonia e a fluidez com o ambiente externo e natural foi suprimida por geometrias fragmentárias, redes desconexas, paisagens homogêneas e edifícios que se fecham para ambientes internos controlados. Ele se propõe a pensar modos de reativar a sensibilidade das pessoas e a vitalidade dos espaços, para que a arquitetura, como a pele, possa trocar informação com o mundo. Segundo o autor:

que a arquitetura deve ser parte da natureza e não separada dela [...]. Hoje somos capazes de criar arquitetura baseada nas regras do mundo natural através da utilização de tecnologias computacionais. Contudo, deveríamos usar essas regras não para criar formas que imitem a natureza, mas sim para criar uma arquitetura que respire e seja congruente com o ambiente (Ito apud Gadanho; Springstubb, 2016, p. 20, tradução nossa).

6 Entre essas questões, destaca-se a proposta para a Agenda 21, instrumento aprovado na conferência Eco-92 (Rio de Janeiro, 1992), utilizado em âmbito internacional para planejar o desenvolvimento sustentável de cada país.

7 Arquiteturas que colocaram ênfase na tecnologia para conceber projetos inovadores e futuristas, muitos dos quais foram desenvolvidos apenas em conceito, sem finalidade construtiva.

Sua obra mais celebrada é a Mediateca de Sendai (2001), um edifício público cuja proposta foi fornecer acesso a diferentes mídias, sendo entendido como um projeto para reunir e conectar por meio da arquitetura, “os usuários passando de indivíduos isolados a coletivos interagindo livremente”, como em uma ágora ou fórum (Daniell in Ito, 2011, n.p., tradução nossa). Para a Mediateca, Ito (2011) reinterpretou o sistema dom-ino corbusiano, substituindo a malha perpendicular de pilares e vigas por grandes colunas compostas de uma estrutura tubular de aspecto orgânico, as quais circundam cavidades que conduzem luz natural através dos pavimentos. Essa estrutura foi pensada para resistir ao impacto de terremotos, refletindo sua preocupação em coordenar a arquitetura com a ação de forças da natureza. A mediateca nos permite refletir sobre como a tecnologia, inicialmente tomada como tema unificante do pensamento de Ito, passou a se constituir como um meio para o alcance de um fim outro.

A partir de uma postura crítica, Ito, portanto, repensa estratégias arquitetônicas de períodos anteriores, utilizando-se de novos recursos e tecnologias disponíveis, visando ao reestabelecimento dos fluxos entre fatores arquitetônicos, naturais e da experiência humana. Entendemos a ideia de fluxo, contraposta à de fragmentação, como uma noção central para refletir sobre a questão da busca pela unidade em seu trabalho. Em Peirce, como vimos, a ideia de unidade é relacionada à de continuidade, quando afirma que “Todos nós temos alguma ideia de continuidade. Continuidade é fluidez, a fusão de partes em partes” (CP 1.164 apud Ibri, 2015, p. 96). Assim, observamos no trabalho mais recente de Ito uma busca pela unidade que pode ser relacionada àquelas duas abordagens do conceito inicialmente destacadas: (1) a busca pela unidade estética, por meio de uma arquitetura que sensibilize consciências entorpecidas por suas experiências urbanas; e (2) e a busca por uma unidade sistêmica com o mundo natural.

O primeiro entre esses pontos, a busca pela unidade estética, relacionamos, sob o olhar da filosofia peirciana, à primeira categoria fenomenológica, à *qualeconsciência* e à experiência de unidade diante fenômenos que manifestam qualidades de sentimento, como analisamos na primeira parte deste trabalho. A noção de hiato no tempo, proposta por Ibri (2020),⁸ permite melhor considerar suas possíveis implicações para a arquitetura. Segundo o autor, esse tipo de experiência em que o mundo não reage como alteridade, caracterizada como contemplativa, prescinde da linguagem como mediação. “Na ausência de alteridade, a consciência pode fruir os fenômenos em sua pura qualidade, ter com eles uma relação de unidade em que a dualidade ego/ não ego se desfaz” (Ibri, 2020, p. 84). A esse fluxo de consciência corresponde um tempo interno, qualitativo, experienciado como presentidade.

Assim, a dimensão estética se faz relevante para pensar sobre a relação que os indivíduos devem estabelecer com uma arquitetura capaz de provocar aquela suspensão dos sentidos a que já nos referimos aqui. Associado a isso, os escritos de Ito sugerem uma intenção em promover a experiência de unidade estética como forma de ativar a contemplação, para desautomatizar os comportamentos habituais estabelecidos como anteparo contra o excesso de informações da vida urbana. Ele propõe, então, uma arquitetura com abertura para a experiência não-habitual, comportando imprevisibilidade e novidade nos modos de apropriação desses espaços por parte do público, para além daqueles usos que são atribuídos por um projeto estritamente funcional.

Sob o olhar do pragmatismo, isso nos leva a pensar sobre como as ideias de Ito, do campo abstrato à prática e da prática novamente ao abstrato têm evoluído. E, em um sentido mais geral, em como o aparecer publicamente possibilita o desenvolvimento de conceitos e seus significados em uma dimensão comum a outros experimentos, de outros arquitetos, que podem estar trilhando caminhos semelhantes.

Isso já nos direciona para a busca por uma unidade sistêmica, segundo ponto destacado, pois consideramos predominar aí um caráter de terceirdade e uma intenção de continuidade, que pode culminar em permanência no decorrer do tempo e no estabelecimento de novos hábitos de uso do espaço, mediados por uma arquitetura que possa articular diferentes fluxos, nos termos de Ito (2011). Portanto,

8 Trata-se de um dos tópicos propostos por Ibri (2020) em “Sementes peircianas para uma filosofia da arte”, texto em que ele considera, para além dos aspectos aqui comentados, as implicações metafísicas desses conceitos.

para além da tentativa de conceber soluções práticas eficazes, para arquiteturas que sejam “permeáveis” e incorporem graus de indeterminação, Ito demonstra comprometimento com um propósito maior, de integração – material, energética e informacional – da arquitetura ao mundo. Ito (2011, n.p., tradução nossa) afirma que “a arquitetura também pode ser vista, em última análise, como um elemento na formação da natureza”, afinado com ela e, nesse sentido, aproxima-se do compromisso com aquele ideal de conduta definido por Peirce: contribuir para a razoabilidade do mundo.

A importância da prática, de concretizar as ideias, leva a ressaltar que, embora tenhamos destacado que os elementos de primeiridade e de terceiridade conferem unidade às experiências arquitetônicas, sem o aspecto de segundidade, aqueles outros elementos não poderiam se manifestar e ser pensados. Desse modo, a filosofia peirciana nos leva a ver a arquitetura como manifestando as três categorias dos fenômenos. Os edifícios construídos possuem qualidades capazes de afetar nossos sentimentos, conduzindo-nos a um estado de contemplação. Em sua materialidade, possuem alteridade, provocando reações sensíveis. Já o seu aspecto intelectual e habitual, para além de tornar possível que o exercício de projeto faça previsões de usos regulares para os espaços representados, torna-se uma importante instância por meio da qual novas ideias podem se tornar públicas e promover o diálogo entre a teoria e a prática, entre sentimento e ação, que faz evoluir o conhecimento em arquitetura, permitindo criticar crenças ultrapassadas e redefinir as ideias e os ideais.

5 Considerações finais

Procuramos orientar esse recorte, em cada uma das subdivisões da filosofia aqui abordadas, e na unidade e interrelação entre elas e o pragmatismo, de modo a elencar aspectos que pudéssemos tomar como base para fundamentar e refletir sobre as abordagens do conceito de unidade apresentadas por Freitas: enquanto princípio da estética e unidade sistêmica da natureza. No pensamento de Peirce, essas duas abordagens encontram-se vinculadas, conforme o ideal estético influencia a conduta a contribuir para o processo de desenvolvimento da razoabilidade, adivinhando os caminhos do mundo e afinando a nossa conduta à sua dinâmica. Acerca das contribuições dessa visão para os propósitos da ecologia, cita-se Nöth (1996, p. 272; 1998, p. 337), quando se refere à semiótica peirciana como sendo de “amplas implicações ecológicas”, inserindo-se em uma tradição de estudos semióticos voltados para as relações sgnicas entre homem e meio ambiente e, também, quando argumenta que a filosofia peirciana pode ser tomada como um modelo promissor a ser seguido em tempos de crise ecológica (Nöth, 2001).

Por fim, a abordagem de Ito da ecologia, a partir do tema “natureza”, expressa uma profunda reflexão acerca das condições contemporâneas de habitar. Para além de seu trabalho individual, a observação de experiências realizadas na história recente da arquitetura nos leva ao entendimento de que diferentes obras manifestam a possível adesão de outros arquitetos a um ideal compartilhado, podendo estar relacionadas umas às outras, constituindo um conjunto, de modo que seria coerente supor uma unidade de pensamento, ou paradigma teórico, da arquitetura, associada a uma busca contemporânea de harmonia com a natureza, frente à crise ambiental. Talvez ainda não se possa afirmar a consolidação desse modelo, mas podemos, ao menos, considerar que se trata de uma temática que está em debate em uma esfera mais ampla, coletiva, portanto, sujeita à heterocrítica e passível de evoluir conforme o pensamento verdadeiro e a conduta correta, para o benefício comum.

Como produção decorrente de um processo de pesquisa em andamento, reconhecemos as limitações deste trabalho diante da amplitude do estudo proposto. Não apenas os conceitos apresentados merecem maior aprofundamento, como outros, ainda não explorados, podem contribuir para o enriquecimento de nossa reflexão. Nesse sentido, entendemos que a breve menção à semiótica, sem referência às classes e tríades peircianas dos signos, fez-se insuficiente para uma análise mais minuciosa da arquitetura e da obra de Toyo Ito, em relação à temática da ecologia, podendo consistir em um caminho para os próximos desenvolvimentos dessa pesquisa.

Referências


- DE WAAL, Cornelis. *Sobre pragmatismo*. Trad. Cassiano T. Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- FREITAS, Marcílio de. Física e meio ambiente: O substrato da estética na ciência contemporânea. *Ciência e Cultura*, v. 57, n.3, p. 33-36, jul./set. 2005.
- GADANHO, Pedro; SPRINGSTUBB, Phoebe (Eds.). *A Japanese Constellation*. Catálogo de exibição do MoMA. Nova York: MoMA, 2016.
- GHIZZI, Eluiza B. Proposições para uma semiótica da arquitetura embasada em uma significação pragmática dos seus conceitos. *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, v. 17, n. 2, p. 234-249, jul./dez. 2020. [<https://doi.org/10.23925/1809-8428.2020v17i2p234-249>].
- IBRI, Ivo A. *Kósmos noetós: A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Paulus, 2015.
- IBRI, Ivo A. *Semiótica e pragmatismo: Interfaces Teóricas*. vol. I. São Paulo: FiloCzar, 2020.
- IBRI, Ivo A. *Semiótica e pragmatismo: Interfaces Teóricas*. vol. II. São Paulo: FiloCzar, 2021.
- ITO, Toyo. *Tarzans in the Media Forest*. Londres: Architectural Association Publications, 2011. (Architecture Words, 8). *E-book*.
- NÖTH, Winfried. *A Semiótica do Século XX*. São Paulo: Annablume, 1996. [<https://doi.org/10.12697/SSS.1998.26.14>].
- NÖTH, Winfried. Ecosemiotics. *Sign Systems Studies*, v. 26, p. 332-343, 1998. [<https://doi.org/10.12697/SSS.2001.29.1.06>].
- NÖTH, Winfried. Ecosemiotics and the Semiotics of Nature. *Sign Systems Studies*, v. 29, n.1, p. 71-81, 2001.
- PARKER, Kelly. Reconstructing the Normative Sciences. *Cognitio: Revista De Filosofia*, v. 4, n. 1, p. 27-45, jan./jun. 2003.
- PEIRCE, C. S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. 8 vols. HARTSHORNE, C.; WEISS, P.; BURKS, A, (Ed.). Cambridge, MA: Harvard University Press. 1931-1935; 1958.
- PEIRCE, C. S. *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*. vol. 2. Peirce Edition Project (Eds.). Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- PEIRCE, Charles S. *Ilustrações da lógica da ciência*. Tradução Renato Rodrigues Kinouchi. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.
- PEIRCE, Charles S. Evolutionary Love. Parte 1. Tradução e nota introdutória de Basílio João Sá Ramalho Antônio. *Cognitio: Revista de Filosofia*, v. 11, n. 1, p.162-182, jan./jun. 2010.
- PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- ROSENTHAL, Sandra B. Firstness and the collapse of universals. In: BERGMAN, M.; QUEIROZ, J. (Eds.). *The Commens Encyclopedia: The Digital Encyclopedia of Peirce Studies*, 2001. Disponível em: <<http://www.commens.org/encyclopedia/article/rosenthal-sandra-firstness-and-collapse-universals-0>>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- SANTAELLA, Lúcia. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Unesp, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. *Estética: de Platão a Peirce*. São Paulo: Editora C0D3S, 2017. *E-book*.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e64611>